

Disco Riscado

As notas, comentários e anotações da semana

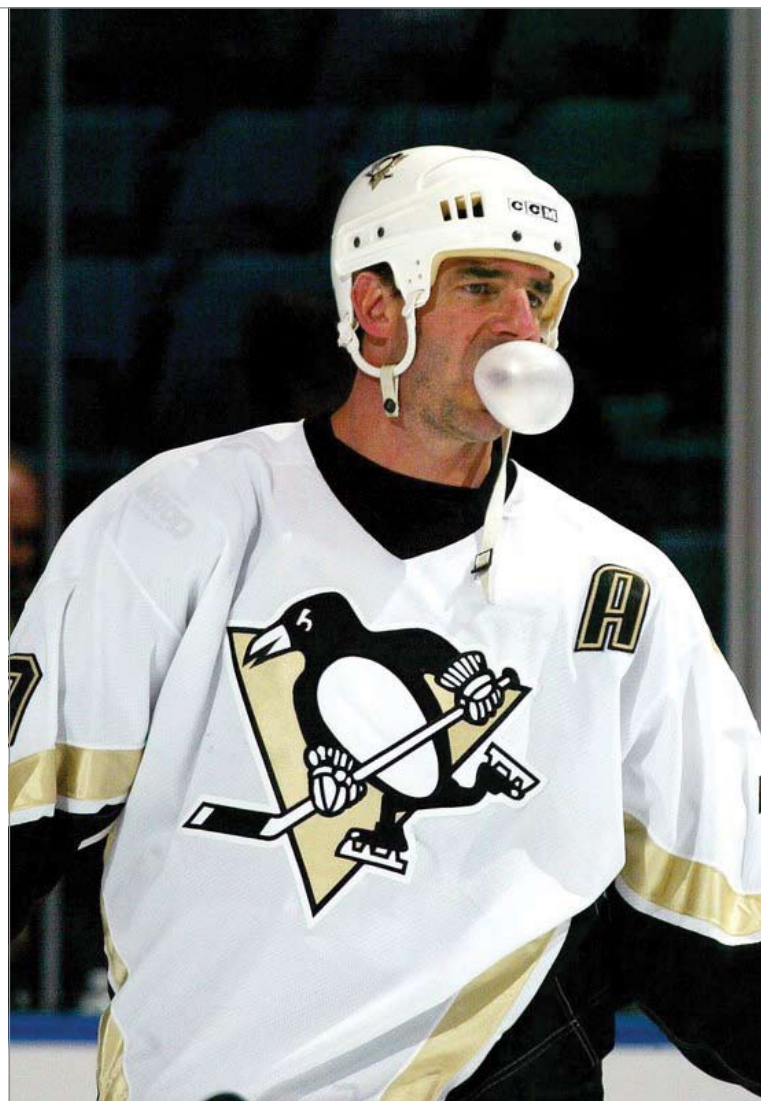


Compilação: Alexandre Giesbrecht

Ocaso de um ídolo

Há coisa de dez anos, John LeClair era o sonho de quase todos os times da NHL. Um ponta artilheiro e brigador, que abria espaços na defesa adversária e era implacável em vantagem numérica. Mas o tempo é mais implacável ainda. Hoje, LeClair está longe de ser o jogador dominante do seu auge nos Flyers. E, com um salário de US\$ 1,5 milhão, tornou-se um commodity que ninguém quer. Os Penguins bem que tentaram trocá-lo, inclusive no dia-limite de trocas do ano passado, quando seu valor ainda estava um pouco mais alto, devido a bons números em uma pequena seqüência de jogos, mas não conseguiram. Como nesta temporada seus números (dois gols e sete pontos em 21 jogos) pioraram bastante – embora pese também o fato de ele ter sido rebaixado à terceira linha

–, ficou ainda mais difícil achar quem o queira. E isso foi demonstrado quando ninguém assumiu seu contrato depois que os Penguins o colocaram na desistência. Em uma última tentativa de achar uma nova casa para LeClair com dignidade, o time o mandou para Wilkes-Barre e o chamou logo em seguida, a fim de colocá-lo na desistência de reentrada. Se algum time assumisse seu contrato, os Penguins seriam obrigados a pagar metade do salário restante. Nem assim. LeClair ainda é propriedade dos Penguins, ao menos até o fim da temporada, quando expira seu contrato. A imprensa de Pittsburgh cogita que ele possa anunciar sua aposentadoria nos próximos dias. Seria um triste fim de carreira para um jogador que foi por tanto tempo considerado o melhor atacante de força da liga.





Hull eternizado

Brett Hull teve seu número 16 aposentado pelos Blues na noite da última terça-feira, em St. Louis. Foi uma cerimônia bonita, em que ele ainda foi homenageado pe-

los atuais jogadores do time, que entraram no gelo para o aquecimento usando a camisa do "Golden Brett". O número 16 também foi pintado no gelo atrás de ambos os gols. O único problema foi que

os Red Wings estragaram a festa, vencendo a partida que se seguiu por 5-1.

Para saber mais sobre a carreira de Hull, acesse [TheSlot.com.br número 92](#).





LIGHTNING

De volta

André Roy foi contratado pelo Tampa Bay junto aos Penguins via desistência. Como Roy estava na desistência para voltar à NHL – ele tinha sido mandado para a liga de baixo –, os Penguins serão responsáveis por pagar metade do que resta de seu salário nesta temporada e na próxima (no seu contrato atual, que vence ao fim de 2007-08, ele ganha US\$ 1 milhão por ano). Ele já tinha defendido o Lightning entre 2002 e 2004, marcando 12 gols, nove assistências, com 260 minutos de penalidades – nesta temporada, tinha 12 minutos e nenhum ponto. “Depois que o perdemos, nunca mais recuperamos aquele elemento físico durão que o André traz a um time”, confessa o gerente geral do Lightning, Jay Feaster. “Agora, pela primeira vez, o novo [acordo coletivo de trabalho] está nos ajudando, já que, contratando-o via desistência para voltar à NHL, pudemos trazer de volta um jogador muito importante para o nosso time por um salário que faz sentido.”

André Roy (esquerda) está de volta a Tampa Bay para repetir cenas como essa

NHL

Nada muda

Apesar das reclamações que pipocam de diversas frentes, a NHL decidiu não mexer na tabela da temporada regular para a próxima temporada. As principais reclamações referiam-se ao fato de que um time só recebia em casa estrelas de outra conferência uma vez a cada três anos e ao excesso de viagens dos times da Conferência Oeste em relação aos do Leste. De qualquer forma, o assunto não morreu, de acordo com o comissário Gary Bettman, e pode voltar a ser discutido para as temporadas seguintes: “Eu devo nomear um comitê para avaliar esse assunto com frequência.” Também foi decidido que não muda o sistema dos playoffs – havia uma proposta de acabar com o realinhamento de séries ao fim da primeira fase de acordo com a posição dos classificados. Já o teto



IMPRENSA

Os melhores momentos dos jornais que cobrem o hóquei nós dividimos com você neste espaço.



“Fragil e quebradiço como um suejito de 95 anos que perde seu andador, não é preciso muito para o Wild ir ao chão ultimamente. É só perguntar a Dan Cleary, que foi de cara no gelo, sangrando, enquanto seus colegas de Red Wings comemoraram o gol que ele marcou na sexta-feira. Cleary disse depois da vitória de seu time por 3-0: ‘Pascal Dupuis acertou-me com o taco na boca, e só me lembro de ter engasgado com uns pedaços de dente.’ Enquanto Cleary estava ocupado engasgando com seus dentes, os Red Wings fizeram o Wild engasgar.”

<http://www.startribune.com/1330/story/849061.html>

BRUINS

Domador

O que o técnico do Boston, Dave Lewis, está fazendo com Phil Kessel? Os minutos de Kessel no gelo caíram de algo entre 13 e 17 para uma média de menos de nove por partida nos cinco jogos antes do de sábado, contra os Canes. O que Lewis quer ver é Kessel mostrando quando está sem o disco o mesmo comprometimento e agressividade que demonstra quando está com ele.



PAPO COM QUEM LÊ

Vira-e-mexe, recebemos e-mails interessantes dos nossos leitores. Esforçamo-nos para responder todos, e alguns deles vêm parar neste espaço. Para mandar o seu e-mail, visite nossa [página de Contato](#).

Sempre vejo uns artigos falando sobre times que se adaptaram bem às novas regras, mas até hoje não entendi o que mudou tanto. Você pode explicar o que mudou?

André Luis Ferreira Borde, Rio de Janeiro, RJ

Alexandre Giesbrecht: Tudo começou nos playoffs de 1995. O Detroit, favorito no Oeste, chegou facilmente à final, enquanto, no Leste, a zebra New Jersey Devils também passou com razoável facilidade, graças a um esquema hiperdefensivo, cujo principal objetivo era não tomar gol. O segundo objetivo também. E o terceiro. E o quarto. Fazer gol era algo como o 28.º objetivo. Apesar do sucesso dos Devils até ali, esperava-se que os Wings quebrassem um jejum de 40 anos sem títulos.

Mas não foi o que houve. Os Devils mantiveram seu esquema, neutralizaram as forças ofensivas dos Wings e varreram a série. Pronto. Estava feito o estrago. A partir da temporada seguinte, os times perceberam que o negócio não era marcar gols, mas, sim, impedi-los. Depois de mais de uma década (entre o início dos anos 80 e meados dos anos 90) em que víamos artilheiros com mais de 150 pontos, esse total começou a rarear, a média de gols começou a despencar e a qualidade dos jogos acompanhou o ritmo. Times novos faziam boas campanhas com elencos medíocres, mas muito obedientes taticamente.

Em 2003-04, a média de gols por jogo mal chegou a cinco, a pior em muitas décadas, graças principalmente à armadilha da zona neutra e aos árbitros, que ignoravam falta atrás de falta: um ogro que mal sabia patinar parava uma estrela sem grande esforço. Com o último locaute, a NHL precisou mudar isso e decretou que penalidade no primeiro minuto em outubro deveria ser apitada também no último minuto do jogo 7 das finais. Muitos não acreditaram, por causa de iniciativas fracassadas contra o agarra-agarra. Só que desta vez funcionou.

Quem disparava ao ataque e ganhava um zagueiro como penduricão passou a ganhar dois minutos de vantagem numérica. "Icebergs" perderam importância. Estrelas ofensivas, como Ilya Kovalchuk e Alex Ovechkin, voltaram a poder brilhar. O artilheiro – e vários outros jogadores – voltou a passar de dois dígitos. Voltamos a ter goleadores com 50 gols. E o hóquei voltou a ser um esporte bonito de se ver.

COYOTES

“OK, boa sorte”

Foi preciso apenas uma luta para voltarem os protestos dos puritanos contra as brigas na NHL. Tudo começou quando Georges Laraque, do Phoenix, talvez hoje o principal lutador da liga, chamou Raitis Ivanans, do Los Angeles, para a briga durante partida entre os times na quinta-feira. Ivanans aceitou o convite, e os dois partiram para cima um do outro (foto acima). Até aí, nada de mais. O problema é que Laraque estava usando [um microfone](#) para a transmissão do jogo pela TV. Foi o tom usado por ele, extremamente informal, como se fosse um convite para dançar (“Você quer brigar? OK, boa

sorte.”), que irritou o pessoal pró-abolição das brigas: “É tudo combinado, uma agressão à integridade do esporte.” Besteira. Quem fala isso parou de assistir ao lance antes de as luvas caírem. É só avançar um pouco para perceber que aqueles socos nada tiveram de combinado e a reação da torcida é inconfundível. As brigas não são a melhor parte do hóquei, mas seu apelo é inegável. Quando os Stars se mudaram para Dallas, em 1993, os ídolos da torcida eram o artilheiro Mike Modano... e o arruaceiro da quarta linha, Shane Churla, que imediatamente alcançou esse patamar em uma cidade sem tradição no hóquei.



FOTO DA SEMANA – 2/dezembro/2006

Roberto Luongo, Kevin Bieksa, Alex Burrows e Rick Rypien, do Vancouver, cercam Joe Sakic, do Colorado.

FOTO: Jeff Vinnick/Getty Images

RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES • RUMORES

» Independentemente das últimas más atuações do time, Jacques Martin, técnico e gerente geral do Florida, disse que uma troca não é a solução. No sábado, o time se reuniu a portas fechadas depois da derrota para o Atlanta por 3-1, mas os jogadores não deram detalhes da reunião. A única pista que eles deram foi que mencionaram o empenho do time como um todo.

» O último rumor sobre o destino de Peter Forsberg dá conta de que ele voltaria para Denver. Karlis Skrastins seria um dos jogadores – mas não o único – envolvido na troca.

» Com Mathieu Dandenault e Francis Bouillon voltando de contusão, os Canadiens passam a ter oito defensores no elenco, e Janne Niinimaa pode estar de mudança de novo. Mas, com seu salário de US\$

2,47 milhões, ele provavelmente terá de passar um tempo em Hamilton até o Montreal achar quem tope fazer negócio.

» Quem também está voltando de contusão em Montreal é Chris Higgins, que deverá voltar à ponta esquerda da linha principal, ao lado de Saku Koivu e Michael Ryder. Com isso, o ponta novato Guillaume Latendresse pode ir para o lugar de Sergei Samsonov na

segunda linha. Se Samsonov de fato for para a terceira linha, é possível que venha a se tornar moeda de troca.

» O defensor Richard Matvichuk, dos Devils, diz estar quase pronto para voltar depois de uma cirurgia de hérnia de disco nas férias. O problema é que o GG Lou Lamoriello vai ter de livrar US\$ 1,3 milhão em salário para se manter abaixo do teto salarial.



Hora de brilhar

Texto: Brian Cazeneuve

Tradução: Alexandre Giesbrecht

[Artigo original](#)

Os melhores jogadores dos melhores times têm uma característica: você pode até segurá-los por um período, por dois períodos, por 50 minutos, mas eles, ainda assim, conseguem decidir o jogo em um instante. Na quinta-feira, com seus Predators enroscados em um empate por 2-2 com os problemáticos Flyers na Filadélfia, Paul Kariya aproximou-se despercebido, atacou com decisão e deu a seu time em ascensão mais uma vitória.

Quieto durante a maior parte do jogo, Kariya deu o bote para cima do defensor Mike Rathje, que achou – enquanto patinava de costas na direção de seu goleiro – que tinha todo o espaço do mundo para fazer um passe seguro para o outro lado do gelo enquanto o relógio inexoravelmente se aproximava dos cinco minutos finais do terceiro período. O passe não deu certo, porque Kariya esticou o braço e interceptou o disco com seu taco. Ele nem levantou a cabeça para analisar o espaço à sua frente e já deu

um passe rápido para Martin Erat, que foi esperto o bastante para correr em direção ao espaço aberto no gelo e vencer o goleiro Antero Niittymaki e o jogo.

“Com ele, você tem de pensar diferente”, elogiou Erat, falando de seu veterano companheiro de linha. “Você aprende a acelerar seu jogo para acompanhá-lo. Você já prevê que ele vai fazer a jogada, seja ela qual for. Você não desiste da jogada, porque ele faz o que quase ninguém consegue fazer. Os melhores jogadores da liga fazem os outros jogar melhor.”

Na noite seguinte, Kariya marcou um gol na vitória sobre os Blues por 5-4, a 17.^a do time em 21 jogos. Depois de começar a temporada com três derrotas, os Preds seguiram com uma campanha de 17-2-2 – a melhor da liga nesse período. Suas únicas derrotas no tempo normal vieram contra Detroit e Dallas, duas das maiores forças da Conferência Oeste.

Em sua segunda temporada em Nashville, Kariya encaixou-se bem em um time cuja

evolução de lanterna para favorito já está em seu oitavo ano. Os Preds nunca ganharam sua divisão, ou mesmo uma série em playoffs, mas melhoraram consistentemente sob o comando do técnico Barry Trotz. Eles classificaram-se para a pós-temporada pela primeira vez em 2004 e acumularam robustos 106 pontos e 49 vitórias na temporada passada, depois de assinar contrato com Kariya.

“Paul é um daqueles jogadores especiais que conseguem aproveitar as oportunidades”, diz Trotz. “É um prazer treinar alguém assim, e temos visto isso desde que ele chegou aqui.” Não obstante o sentimento de carpe diem de Trotz, muitos na liga vêem Kariya como um tipo de enigma, já que estão esperando que ele “aproveite o dia”. Ele tem sido um jogador com grande talento – marcou 50 gols em 1995-96 – que às vezes parecer perder oportunidades de ouro. Talvez agora seja a hora de ele agarrar uma delas.

Os Preds estão confortavelmente no topo da Divisão Central, mas as contusões começam a incomodar. O goleiro Tomas Vokoun vai ficar de fora por algo entre duas e seis semanas, depois de uma operação nos ligamentos da mão, que foram rompidos. Jason Arnott, cobiçado agente livre antes da temporada, que marcou 16 pontos em 19 jogos, pode perder até seis semanas com uma contusão no joelho. Esta é a chance de Kariya para se sobressair com os Preds sob pressão. Se ele conseguir, poderá começar a apagar as memórias de quando ele desapareceu nos momentos importantes.

Em 1998, o atacante canadense de origem japonesa ficou de fora do começo da temporada durante as negociações de seu novo contrato. Quando os Mighty Ducks abriram a temporada em Tóquio, perderam a oportunidade de exibir uma estrela que o público local poderia ter adotado, conseqüentemente, ajudando a NHL a alcançar um novo



Paul Kariya e os Predators esperam que este seja o seu ano

mercado. Kariya aceitou um contrato de US\$ 14 milhões em dois anos com os Ducks depois de a temporada começar.

Mais tarde naquela temporada, com as Olimpíadas de Inverno em Nagano, também no Japão, Kariya – que tinha sido convocado para representar o Canadá – perdeu outra chance de jogar na terra do sol nascente, cortesia de uma concussão que ele sofreu ao ser atingido por Gary Suter. Quando ele retornou, estava visivelmente se esquivando de maiores contatos físicos.

Em 2003, os Ducks chegaram às finais da Copa Stanley pela primeira vez em sua história, mesmo com Kariya tendo de jogar com um ombro deslocado e afundado em um jejum de pontos durante a maior parte da pós-temporada. Sua única assistência – na derrota em New Jersey, no jogo 5 – foi seu primeiro ponto nas finais. No jogo 6, com os Ducks perdendo a série por 3–2 e a torcida imaginando se a superestrela algum dia conseguiria um momento para ser guardado na memória, Kariya foi triturado por um tranco legal no gelo aberto dado pelo defensor Scott Stevens, dos Devils. A pancada fez com que ele vis-

se estrelas, mas Kariya voltou e marcou um gol (ele já tinha duas assistências no jogo), ajudando a forçar o jogo 7, que os Ducks acabaram perdendo. No total, o capitão do Anaheim acumulou 12 pontos em 21 jogos de playoffs, longe de ser uma atuação de superestrela.

Depois daquela temporada, Kariya e Teemu Selanne, seu ex-parceiro de Ducks, assinaram contratos com valores abaixo de mercado com o Colorado que foram vilipendiados pela Associação de Jogadores. A esperança era a de conquistar uma Copa Stanley com a ajuda de Joe Sakic. Só que os Avs foram eliminados na segunda fase, e Kariya rapidamente se mandou para Nashville. “É um novo começo, mas por aqui há muito talento e gente esperta”, disse Kariya à época.

Então aqui estamos, na 12.ª temporada de Kariya na NHL, com um item faltando em seu currículo: um momento histórico definitivo que confirme que o ponta de 32 anos não é só um grande jogador, mas também algo mais importante – um vencedor. É o tipo de momento que a torcida de Nashville prevê para esta temporada, por causa da ascensão do time e do conforto de Kariya com seu time e técnico.

Em sua oitava temporada com o Nashville, Trotz é o único treinador que os Predators já tiveram. A paciência da di-

retoria para com ele durante o começo difícil valeu a pena. Kariya foi o primeiro grande nome que o clube contratou, apesar de ter parecido uma decisão estranha na época, especialmente para um surtista inveterado que já tinha se acostumado ao estilo de vida do Sul da Califórnia.

Kariya sempre fez o tipo calmo. Enquanto sua irmã, Noriko, é lutadora de boxe profissional, Paul já ganhou o Troféu Lady Byng e raramente perde a calma no gelo. Há poucos patinadores que conseguem ser tão rápidos quanto ele, que hoje consegue evitar o contato físico que tanto o atormentou no passado. Ele liderou o Nashville com 54 assistências e 85 pontos na temporada passada e nesta tem números um pouco piores (6 gols, 24 pontos e +5), mas assumiu um papel mais ativo.

“Nos treinos, ele é quem aparece com jogos de atenção, jogos de técnica, exercícios que nunca vimos”, conta Trotz. “Ele comanda vários dos nossos treinos.” É esse comando, e também a sede de vitórias, que as pessoas querem ver em Kariya, um homem com 800 pontos, mas nenhuma Copa. “Eu gosto da atmosfera deste time”, revela. “Como um time, temos o que é necessário para darmos o próximo passo.”

Só que esse é um passo que Kariya tem de dar sozinho primeiro.



MAPLE LEAFS

Os novos Leafs

Nada mudou mais em Toronto nesta temporada do que a cultura do time, que, em seus piores momentos nos últimos anos, só precisava de mais algumas motos Harley-Davidson no estacionamento para parecer uma gangue. E nada representa mais essa mudança que o técnico Paul Maurice. No mês passado, ele discutia com os árbitros durante um jogo em Buffalo, mas de repente parou e encerrou a discussão desculpando-se e dizendo: “Foi mal, tudo minha culpa.” O ex-técnico do time, Pat Quinn, nunca faria algo sequer parecido – na verdade, ele ainda lamenta um

impedimento marcado contra seus Flyers nas finais da Copa Stanley de 1980.

Sob o comando de Maurice, que com razão odeia penalidades por indisciplina, o Toronto acabou com a postura “bad boy”, mas manteve a pegada ao implantar uma marcação agressiva. “Acho que estamos jogando melhor adaptados à nova NHL”, acredita o capitão Mats Sundin. Os Leafs, surpreendentemente na sexta posição do Leste até os jogos de domingo, foram penalizados, em média, por apenas 12,3 minutos por jogo (quinto time menos penalizado na liga).

O Toronto conseguiu implantar novas diretrizes

porque alguns dos jogadores mais, digamos, experientes deixaram o time. Depois do locaute, o rude Gary Roberts, figura destacada no vestiário, e Joe Nieuwendyk, de 40 anos, assinaram com o Florida. Nas últimas férias, o gerente geral John Ferguson dispensou o goleiro Ed Belfour, de 41 anos, e o veterano intimidador Tie Domi. “Quando eu cheguei aqui, a cultura era a de um time mais velho”, conta o ponta Chad Kilger, de 30 anos, adquirido em março de 2004. “Mas agora estamos mantendo caras como [Kyle] Wellwood [23 anos], [Matt] Stajan [22] e [o defensor novato Ian] White, e isso está rendendo dividendos.”

O geralmente esquentado Darcy Tucker acha que o comportamento dos Leafs é resultado direto de um elenco com média de 28 anos de ida-

Tucker (à esquerda) tem sido uma revelação: ele lidera a liga em gols em vantagem numérica

de (décimo mais jovem na liga). “Jogadores mais jovens engolem seco e vão para o banco de penalidades”, avalia Tucker, de 31 anos. “Em um time mais velho, os caras acham que têm o direito de falar alguma coisa para os árbitros. Quando você tem 12 caras esperando para falar alguma coisa, a coisa pode ficar feia.”

Tucker tem sido uma revelação. Seus 16 gols mantêm o ex-figurante na companhia de goleadores da elite como Ilya Kovalchuk e Alexander Ovechkin. 11 deles vieram em vantagem numérica – ninguém na NHL tem mais que ele –, prova de que suas mãos não servem só para dar pancada.

SENATORS

Bom anfitrião

Long Island sempre foi o destino favorito do Ottawa, e não só porque os Senators venceram os Islanders na terça-feira, por 4-2, no Nassau Coliseum. Já em 1992-93, em sua primeira temporada, o Ottawa começou com 0-39-0 fora de casa, até derrotar o New York por 5-3 em 10 de abril de 1993. A campanha total na cidade de Uniondale é de 16-5-6 (70,4%), terceira melhor fora de casa de qualquer time atual contra outro, em um mínimo de 25 jogos. Só vão melhor os Blues em San Jose (20-5-2, 77,8%) e os Flyers contra o Florida (20-6-1, 75,9%). Só que a tendência desses dois últimos confrontos é que a diferença diminua, pois tanto Blues como Flyers têm frequentado as últimas colocações.

SHARKS

Outra gema

Os Sharks podem ter achado mais uma (a quarta) gema em seu recrutamento de 2003. O novato Joe Pavelski, chamado do time de baixo na AHL em 22 de novembro, quando Jonathan Cheechoo foi colocado na lista de contundidos, começou bem



na NHL, marcando quatro gols em seus seis primeiros jogos. O gol mais importante de Pavelski foi o de sábado, em Detroit. Ele marcou a apenas 5,9 segundos do fim do jogo, dando a vitória, de virada, aos Sharks por 3-2 sobre os Red Wings. Apesar do retorno de Cheechoo ao time, Pavelski continua em San Jose. O central de 1,80m tem sido usado em diversas combinações de linha pelo técnico Ron Wilson. Ele até jogou na ponta, para ficar ao lado dos dois principais centrais do clube, Joe Thornton e Patrick Marleau. Milan Michalek e Steve Bernier, ambos atacantes das duas primeiras linhas, foram escolhidos na primeira rodada do recrutamento de 2003. Já o defensor

Pavelski comemora o gol decisivo contra os Wings com Michalek, outra gema do recrutamento de 2003

Matt Carle foi selecionado na segunda rodada. Pavelski, de 22 anos, só viu sua vez chegar na sétima rodada (205.º no geral). Boa parte dos créditos pelos excelentes recrutamentos dos Sharks têm de ser dados ao Diretor de Seleção, Tim Burke. Ele é considerado um dos melhores nesse ramo. A prova pode ser conferida no elenco dos Sharks.

Alexandre Giesbrecht, 30 anos e goleiro há 20, acaba de luxar um dos dedos da mão pela enésima vez.

JOGO DAS ESTRELAS

O Brasil com Dallas Drake

Dallas Drake acredita em você. Acredite nele também. Nós da **TheSlot.com.br** lançamos a campanha. E contamos com você para nos ajudar a levar o lendário Dallas Drake, capitão dos Blues, ao Jogo das Estrelas, que será justamente em Dallas. Ele não está, vejam vocês, sequer nas opções da [cédula de votação!](#) Por isso, é importantíssimo que todo brasileiro que ama o hóquei vá até lá e vote pelo ídolo esquecido pelas forças malignas da NHL. O nome dele está no combo “Western Write-In”. Não se esqueça de votar em atacantes obscuros no Oeste, para garantir que ninguém terá mais votos. Vote uma, duas, três, dez, cem vezes! O voto dos milhões de brasileiros que nos lêem vai levar o injustiçado Dallas Drake ao Jogo das Estrelas de 2007. Porque Jogo das Estrelas sem Dallas Drake é como episódio do Chaves sem o seu Madruga: não vale nada.

